

Os “Negócios Olímpicos”¹ de 2016 no Brasil: “o esporte pode tudo”²?

E sabe o que o Lula disse em Copenhagen? Vocês vão adorar o Complexo Esportivo Elias Maluco! Rarará! Eu quero roubar um gringo! Com ou sem Olimpíada! Até o Paulo Coelho tava na comitiva Rio 2016! 2.016 tiros por minuto. Rarará. E Olimpíada em São Paulo jamais poderia ser realizada: os atletas iam ficar todos engarrafados.³

Esta edição da Motrivivência traz na sua primeira parte um dossiê especial a respeito dos grandes eventos que serão realizados na “década do esporte no Brasil” (2007-2016). O objetivo do dossiê é abordar, de forma crítica e multidisciplinar, a problemática dos megaeventos esportivos e suas repercussões políticas, econômicas,

sociais e culturais. Para realizar este intento, tivemos a inestimável contribuição de convidados especiais, estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, que nos ajudam a pensar sobre o tema e a mobilizar a comunidade científica para debater em torno das promessas e supostos legados da Copa do Mundo da FIFA e dos Jogos Olímpicos no Brasil; e,

-
- 1 SALLES, Marcelo. **Rio 2016-Olimpíadas Sociais: Jogos ou Negócios Olímpicos**. Revista Caros Amigos, ano XII, n.152, novembro/2009.
 - 2 MARINHO, Vitor. **O Esporte Pode Tudo**. São Paulo: Cortez, 2010.
 - 3 SIMÃO, José. Rio 2016! As **Olimpíadas Prontas**. Folha de São Paulo, Ilustrada, 03/10/2009.

com isso, subsidiar reflexões sobre as políticas públicas no campo do trabalho, educação, lazer, segurança, mobilidade.

A segunda parte da edição traz as seções tradicionais da revista, contando com artigos originais e outros textos que não seguem nenhuma temática específica, abordando diferentes questões relacionadas ao campo da Educação Física, Esporte e Lazer. Por conta dessa composição, esta edição comporta, na verdade, dois números da Motrivivência, 32 e 33, correspondentes ao ano de 2009.

Em 2006, o nº 27 desta revista teve como tema “Os Grandes Eventos Esportivos”, cujo eixo do debate foi a realização dos “Jogos Pan-americanos no Brasil/2007”. O editorial daquela edição intitulou-se: “Do Pan RIO/2007 à Copa no Brasil. Que Brasil? E para qual Brasil? Essas perguntas mais genéricas desdobraram-se em questões mais objetivas como: o que “ganhamos” com a realização dos Jogos Pan-americanos no Brasil? Qual foi e para quem ficou o tal legado do Pan?

Naquela oportunidade, o Brasil já havia sido escolhido como sede do “negócio da Copa”, ou seja, a Copa do Mundo FIFA de 2014, anunciando as possíveis relações

entre esporte, economia, política e sociedade. A realização deste evento no Brasil gerou críticas, em primeiro lugar, em relação ao uso do dinheiro público para a construção dos estádios. Pesquisa do Datafolha mostrou que 57% dos brasileiros não querem estádios bancados com dinheiro público (de impostos) na Copa do Mundo⁴. Em segundo lugar, no que diz respeito à infraestrutura, demandas e carências das cidades, tais como: precariedade de aeroportos, transporte coletivo, rede hospitalar, moradia, urbanização, meio ambiente e outras. Por outro lado, o governo brasileiro, ladeado por alguns setores da mídia, pela cartolagem esportiva e pelos donos do capital, alega a criação de empregos (ainda que temporários), novos espaços e equipamentos esportivos, para a “inclusão social” de crianças e jovens, visando tirá-los do mundo das drogas, marginalidade e pobreza através das diretrizes neoliberais do esporte, como sugere o texto de Nizan Guanaes⁵.

As questões supramencionadas continuam valendo quando está em jogo a realização de qualquer megaevento esportivo, principalmente em países como o Brasil, no qual 16 milhões de brasileiros

4 FOLHA DE SÃO PAULO. **A maioria é contra**. Caderno Esporte, p. D2, 16/08/2010.

5 GUANAES, Nizan. **As Copas de 2014**. Folha de São Paulo, Mercado, B14, 29/06/2010.

adultos, que produzem riquezas, ainda não tiveram o direito à alfabetização; apenas 10 milhões de jovens freqüentam a universidade, sendo grande parte em instituições privadas. As causas de todas essas mazelas sociais podem ser identificadas na situação estrutural da economia. De fato, apenas 1% dos proprietários controla a metade das terras; a concentração da propriedade das fábricas e comércio nas cidades; a concentração da riqueza ao longo de décadas é produzida pela força humana de trabalhadores explorados, mas é apropriada por uma minoria de 10%. Este fato faz com que o capital fique com em redor de 60% de todos os bens, enquanto quem trabalha fica com apenas 40%. No ponto de vista da concentração dos bens na indústria, tanto em algumas empresas quanto em termos geográficos; não mais de 10 bancos controlam toda a movimentação financeira do país; jornais e revistas, rádios e televisões pertencem a poucos donos e se tornaram mecanismo de ganância e reprodução da ideologia do capitalismo neoliberal, no que se refere à simbiose entre espetáculo e mercadoria. No que refere à saúde, os nossos melhores hospitais e atendimento estão disponíveis para os ricos ou para a classe média que

podem pagar os planos privados de saúde.⁶ Por fim, milhões de trabalhadores empobrecidos vivem em moradias insalubres, como palafitas, barracos, lixões e favelas, sem as mínimas condições de higiene e saneamento básico.

Enquanto escrevíamos o editorial do n. 27, a mídia esportiva já divulgava a nova candidatura do Brasil para sediar as Olimpíadas de 2016. Com efeito, dois anos depois, em meio a prós e contras, controvérsias, dúvidas, interesses político-econômicos e, ainda, muito ceticismo em razão do fracasso dos chamados legados do Pan⁷, o Rio de Janeiro ganhava o direito de realizar os Jogos Olímpicos em 2016. Todo esse processo de “esportivização” da sociedade brasileira traz em seu bojo a idéia homônima ao livro de Vitor Marinho: “o esporte pode tudo”. De fato, quando se analisam os documentos e as políticas públicas esportivas dos dois mandatos do governo Lula, pode-se perceber que o senso-comum esportivo, composto pelo discurso de atletas, dirigentes esportivos (cartolas), sustenta a ideologia, sem admitir críticas, de que “o esporte educa”, “o esporte é saúde”, “o esporte é para todos”, “o esporte é um meio de inclusão e ascensão social”, etc.

6 STÉDILE, João Pedro. **O Brasil mais além do futebol**. Revista Caros Amigos, ano XIV, n.60, 2010.

Na mídia de massa nacional, a escolha do Brasil como sede dos Jogos Olímpicos de 2016 foi recebida num misto de clima celebração, festa, espetáculo, otimismo, emoção. Mas o fato que chamou a atenção foi o uso político deste megavento e o caráter populista do presidente Lula; foi a emoção da comitiva Rio 2016, recheada políticos, atletas, artistas e cartolas e do próprio presidente, durante a votação do COI (Comitê Olímpico Internacional) para a escolha do país sede em Copenhagen. Suas palavras foram emblemáticas: “E eu que achava que não tinha mais motivo para emoção, porque já fiz tanta coisa na minha vida, conheci tanta gente, pensei que não ia mais me emocionar.[...]. Mas, ao ouvir o anúncio, eu era o mais chorão”.⁷

Tanta emoção e lágrimas traz consigo a alegria de poder contribuir para que as elites brasileiras e o movimento olímpico brasileiro possam dar continuidade do processo de acumulação de capital e comemorar as enormes possibilidades de negócios e lucros. Sendo assim, “viva a agência de turismo! Bravo para a corretora de seguros! Estupendo para a empresa que comercializa os ingressos! E a empresa de marketing, que vibre muito!”⁸

Apesar dessa repercussão alienante, é preciso reconhecer que, em meio às celebrações, houve também movimentos de crítica, ceticismo e protestos pela escolha do Rio de Janeiro como cidade-sede. Ficou visível uma grande expectativa de desenvolvimento para o enfrentamento das mazelas sócio-econômicas da cidade e, ao mesmo tempo, uma onda de desconfiança e de medo, diante de possível corrupção, envolvendo os bilhões de dólares previstos para a organização da Olimpíada.

Como se pode perceber, esse aparato “espetacular”, montado pelo governo e os cartolas COB (Comitê Olímpico Brasileiro), para a celebração da “vitória” do Brasil, expressa o sentimento alienante de patriotismo ufanista e piegas, tão comum em megaventos esportivos e espetáculos “de” massa que são, na verdade, “para” a massa. Aliás, as leis da economia política são as leis do próprio espetáculo e da linguagem espetacular, que carregam consigo as leis da dominação das mercadorias. Em suma, “o espetáculo é o momento em que a mercadoria *ocupou totalmente* a vida social”. Os megaventos esportivos, através da mercadoria esporte, torna os consumidores reais em

7 FOLHA DE SÃO PAULO. Especial 2, 02/10/2009.

8 SILVA, Erick. **As Olimpíadas 2016 e o Desespero da Direita**. www.baudetextos.blogspot.com/.../as-olimpiadas-de-2016). Pesquisado em 26/08/2010.

consumidores de ilusões, melhor dizendo, “a mercadoria é uma ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral”.⁹

Por trás de todo esse espetáculo do uso político do esporte, subjaz a ideologia neoliberal da “inclusão social” através do esporte¹⁰. O que está em jogo é “como iludir o povo com o esporte para o público”¹¹, questão que escamoteia a radicalidade das reais demandas da classe trabalhadora em termos de políticas públicas e sociais. No discurso oficial, o esporte, aliado a outras políticas públicas, constitui-se num “passaporte para a cidadania”¹², em suma, como estratégia de consensos, cooptação “neocorporativista”¹³ dos sindicatos, cuja repercussão pode ser traduzida no amoldamento das consciências e silenciamento das reivindicações de grande parcela de movimentos sociais.

O que se pode perceber é que se há uma parcela do senso-comum que celebra sem críticas, há

uma outra, que renega a realização do evento no Brasil, demonizando este megaevento numa posição de crítica radical ao capital e, ainda, outra, que pondera, compreendendo a realização de um evento deste porte no Brasil como possibilidade de exigir retornos concretos no que diz respeito às políticas públicas e sociais. Em suma, em meio aos diversos tipos de argumentos e posições contra e a favor, percebe-se que paira ainda no ar, aqueles que são a favor, defendendo a importância para a economia, a cultura e o lazer; de outro lado, há os argumentos contrários, normalmente alegando ser um evento que poderá repetir corrupção e pouca relevância social, tendo como base a desconfiança das promessas não cumpridas dos “legados do PAN”. Por fim, há aqueles que têm a ilusão das Olimpíadas como uma oportunidade de denúncia da realidade e dar visibilidade ao estado deplorável de exploração, empobrecimento, desemprego e subemprego

-
- 9 DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espectáculo: Comentários sobre a Sociedade do Espectáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- 10 SILVA, Maurício R. et al. **Políticas Públicas para o Esporte**. In: SILVA, Maurício R. (org.). **Esporte, Educação, Estado e Sociedade**. Chapecó, SC: Argos, 2007.
- 11 TAFFAREL, Celi e SANTOS JÚNIOR, Cláudio. **Como iludir o Povo com o Esporte para o Público**. In: SILVA, Maurício R. (org.). **Esporte, Educação, Estado e Sociedade**. Chapecó: Argos, 2007.
- 12 SILVEIRA, Juliano. **Desenvolvimento Humano, Responsabilidade Social e Educação: investigando o programa “Educação pelo Esporte do Instituto Ayrton Senna”**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPG/CDS/UFSC, fev./2007.
- 13 ANTUNES, Ricardo. **A Desertificação Neoliberal (Collor, FHC e Lula)**. Campinas: Autores Associados, 2005.

em que vive a maioria dos trabalhadores assalariados no Brasil¹⁴.

Quando se analisa a mídia escrita, por exemplo, surgem questões como: “a escolha do Rio de Janeiro como sede da Olimpíada de 2016 é uma boa notícia para o Brasil”, há por parte de alguns intelectuais as seguintes respostas: “Sim: uma grande oportunidade”; “Não: uma grande hipocrisia”.¹⁵ A realização das olimpíadas no Brasil é uma “grande oportunidade” porque o “esporte é uma **atividade sócio-educativa** (grifos nossos), uma expressão de identidade, um fator de socialização”. Além do mais, [...] os esportes contribuem para **aproximar da sociedade aqueles que a economia e a política afastam** (grifos nossos). É uma grande “hipocrisia”, pois: “se alguém acha que daqui a sete anos o Rio estará livre dos **traficantes de droga e dos tiroteios** (grifos nossos), que o **trânsito** (grifos nossos) será fantástico, que haverá **hospitais de qualidade, escolas públicas de excelente nível para todas as crianças, praças esportivas populares, espalhadas pela cidade, pessoas morando**

condignamente (grifos nossos), só prá citar alguns exemplos, escolha uma bela praia e espere deitado. Para não se cansar”.¹⁶

Em linhas gerais, essa resposta contém, por um lado, elementos abstratos de análise que vão desde a crença funcionalista e compensatória das Olimpíadas e do esporte em geral como uma espécie de remédio para dar conta, de forma causal, das mazelas sociais, impostas pelas políticas públicas neoliberais (educação, trabalho, saúde, meio ambiente, moradia, lazer e outras); contribuindo, assim, para a perpetuação da lógica do capitalismo. Por outro lado, percebe-se nas respostas uma tendência de negação à posição afirmativa, apontando contradições de classe, em cujas entrelinhas subjaz uma análise concreta sobre os problemas concretos da realidade da cidade do Rio de Janeiro (tráfico de drogas, pobreza, saneamento básico, esporte, transporte público, iluminação, escolas, hospitais, etc.).¹⁷

Em meio a toda essa atmosfera contraditória acerca a pertinência da realização da Copa

14 É exatamente essa idéia de visões em confronto sobre os megaeventos esportivos no país que visamos representar em nossa capa, mostrando que os mesmos, por suas logomarcas, ainda são um “quebra-cabeça” em construção na sociedade brasileira.

15 FOLHA DE SÃO PAULO. A escolha do Rio como sede da Olimpíada de 2010 é uma boa notícia para o Brasil? Folha de São Paulo, Tendências e Debates, 03/10/2009.

16 Ibid.

17 Ibid.

do Mundo e das Olimpíadas no Brasil, destacam-se, positivamente, alguns aspectos importantes para serem analisados no ponto de vista político-pedagógico e de uma possível “olimpíada social”¹⁸ a saber: a) o envolvimento da população, sobretudo crianças e jovens, no que diz respeito à possibilidade de participação crítica neste processo nas ações, projetos e programas escolares e não-escolares, através da relação mídia e educação; b) a importância de transformar o processo de construção deste evento numa dinâmica acadêmico-social, que possa mobilizar criticamente os intelectuais de diversas áreas do conhecimento, a fim de apresentar, através das pesquisas e debates, uma posição das universidades a respeito; c) a importância que este evento pode vir a ter caso os movimentos sociais e sindicais possam problematizar e exigir medidas e legados concretos no ponto de vista das políticas de educação, trabalho, lazer, cultura, saúde, meio ambiente, reforma agrária, turismo e outras.

Por fim, algumas palavras sobre a homenagem desta edição,

que é dedicada ao grande mestre Silvino Santin, autor de dezenas de livros, entre eles “Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade” e “Textos malditos”. O filósofo e professor Santin é intelectual de suma importância para o debate em torno das questões epistemológicas da Educação Física, Esporte e Lazer, sobretudo, nos anos 80 e 90. Trouxe para o debate uma gama de temas, cujo largo espectro tem como fulcro a relação Filosofia e Educação Física. Para melhor conhecê-lo, convidamos os leitores e leitoras para apreciarem o seu lúdico “currículo não-acadêmico”: Silvino Santin, por ele mesmo. O professor Santin contribuiu ainda para este exemplar com um breve Ponto de Vista sobre o assunto do nosso dossiê, isto é, os grandes eventos esportivos no Brasil.

Florianópolis, inverno de 2010.

Os Editores

18 SALLES, Marcelo. **Rio 2016-Olimpíadas Sociais: Jogos ou Negócios Olímpicos**. Revista Caros Amigos, ano XII, n.152, novembro/2009.